

Pindamonhangaba 1988

**INSPETORIA SALESIANA DE SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO
CAMPO GRANDE**

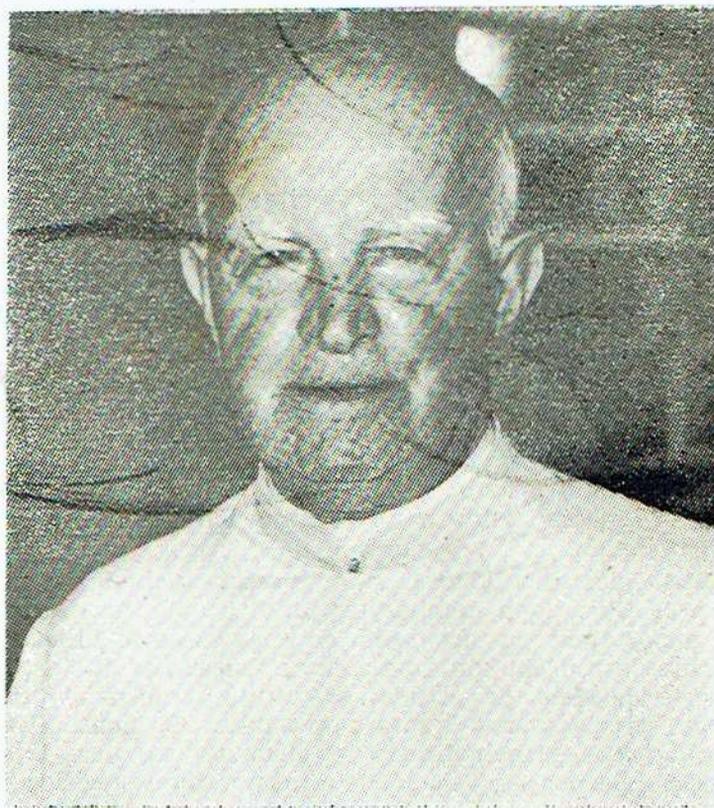
MATO GROSSO DO SUL

BRASIL

Campo Grande, 21 de novembro de 1990

Prezados Irmãos,

Na madrugada de 14 de setembro último, tranqüilo e sem dores, falecia placidamente, no Hospital Santa Maria Bertilla de Guiratinga, onde havia sido internado três dias antes para exames, o nosso irmão



Pe. OSVALDO VENTURUZZO.

Dias antes havia completado 82 anos de idade, dos quais viveu 58 na Congregação Salesiana e quase 49 no exercício do ministério sacerdotal.

Para estas notas biográficas, serve-nos de guia uma sua autobiografia, publicada em 1983, sob o título de "Ricordi Missionari".

Pe. Osvaldo Venturuzzo nasceu em Nogara, província de Verona - Itália, aos 31 de agosto de 1908, primogênito de cinco irmãos, filhos de Sante Venturuzzo e Sobilia Montanari. O pai, após o serviço militar, abraçou a carreira dos "Carabinieri", onde serviu por cerca de 25 anos, obrigando às vezes a família a se transferir de um lugar a outro. Quando

já estava para galgar um dos últimos postos da arma, abandonou o serviço, transferindo-se com a família para Portogruaro, onde foi assumido no cuidado da jardinagem do Museu da cidade. Indo ao serviço, levava consigo os dois filhos maiores, que passavam as horas correndo pelas avenidas do jardim ou pelas escadarias do museu. Numa destas correrias, o nosso Osvaldo precipitou duma altura de vários metros, caindo felizmente sobre uma sebe de flores, impedindo maiores consequências. Outra vez, aprendendo a andar de bicicleta, foi acabar sob os varais de uma carruagem.

Aos seis anos começa a frequentar a escola elementar e a igreja, aprendendo logo a servir Missa, que fazia com muito prazer, também porque não faltavam alguma vez alguns vinténs como recompensa. Sendo ainda pequeno, na hora de transportar o missal, como era costume nesses tempos, devia ceder o lugar ao sacristão, pois não alcançava o missal.

Após a morte do pai, que era bastante rígido com os filhos, não permitindo que ficassem na rua, Osvaldo sentiu-se mais livre e começou a frequentar a rua seja de dia como até altas horas da noite. A mãe, depois de concluir suas tarefas com os demais filhos, ia a procura do maior e quando ela chegava os companheiros gritavam para ele: "Mãe, mãe!". Então ele de corrida fugia para casa, refugiando-se assim como estava debaixo das cobertas, onde já se encontravam seus irmãos menores.

Com o passar dos anos, teve que se empregar para colaborar nas despesas da casa. Eram os tempos depois da guerra, com muita miséria e pouco resultado no trabalho dos campos. Ocupou-se a princípio num negócio e depois numa farmácia, não sem antes ir à estação para apanhar jornais para distribuir. Neste período inscreveu-se à Ação Católica Italiana, que se tornou para ele uma palestra de várias atividades e de virtudes.

Diante das dificuldades, a mãe resolveu mudar-se mais uma vez, indo para Chiari, na Lombardia, junto de alguns parentes, para encontrar maior apoio em sua tarefa de criar os cinco filhos. Nesta cidade, Osvaldo entrou em contacto com os Salesianos do Instituto San Bernardino, onde além de estudos encontrou também algum serviço que lhe permitia ajudar nas despesas de estudo. Seu ponto alto, porém, eram os brinquedos, principalmente os jogos de "bandiera lunga", nos quais se distinguia por sua velocidade a tal ponto que recebeu o apelido de "velocíssimo" ou "máquina volante". Tendo demonstrado desejos de abraçar a vida salesiana, foi enviado ao Instituto Santo Ambrósio de Milão, onde havia um grupo de Vocações adultas. Em 1931, retorna ao Instituto San Bernardino para o noviciado, anexo ao aspirantado. Aqui teve a felicidade de receber a batina das mãos do Reitor-Mor, o Beato Filipe Rinaldi. Concluiu o noviciado a 8 de setembro de 1932, com a profissão religiosa. Nesse mesmo dia, tendo feito pedido para as missões, recebeu a obediência para o Mato Grosso.

Após alguns meses, transcorridos no Oratório de Valdocco, ocupado no estudo do português e da filosofia, embarcou, em companhia do Pe. Ernesto Carletti, eleito inspetor de Mato Grosso, para o novo campo de apostolado. Desembarcando no Rio de Janeiro, após alguns dias na então Capital Federal, viajaram para São Paulo, donde, em com-

panhia de alguns Clérigos, seguiu para Silvânia, a fim de continuar os estudos de filosofia. A demora, porém, foi breve, recebendo alguns meses depois a obediência para Campo Grande, no Oratório São José. "Com boa saúde - escreve em suas memórias - não faltavam ocupações. Após a limpeza da casa, ia dar aulas no Colégio Dom Bosco e, retornando ao Oratório São José, encontrava os oratorianos correndo atrás da bola. Empenhado na assistência, que se prolongava até à noite, ocupava-me com ensaios de teatro, aulas de catecismo e, nas horas vagas, continuava os estudos de filosofia".

Em 1936, a obediência envia-o ao Instituto Bom Jesus de Guiratinga, que, além do externato, tinha um pequeno internato. O autor da crônica da casa escreve, referindo-se a esse período: "Quem salvou a situação do colégio neste ano foi o clérigo Osvaldo Venturuzzo, porque o cl. Colussi sempre teve dificuldades com a disciplina. Quem conseguia obter ordem e disciplina no estudo, no refeitório, nas aulas era o clérigo Venturuzzo. Por isso o pequeno Colussi rogava ao Venturuzzo que o substituísse em certas assistências e este era sempre pronto em socorrer os irmãos, com generosidade e alegria. Uma vez até presidiu o enterro de uma aluna das irmãs, por faltar o sacerdote. Na igreja da Imaculada funcionava um oratório. A alma de todo movimento apostólico era o clérigo Venturuzzo, que, na falta do sacerdote, dirigia a reza e fazia a instrução religiosa".

Em 1937, retornou ao Ginásio Anchieta de Silvânia e, finalmente, em 1938 seguiu para o Instituto Pio XI, a fim de estudar teologia. Atesta um seu colega: "Nos 4 anos de teologia, foi ótimo; era muito estudioso; tinha uma verdadeira veneração para cada um dos professores. Foram anos serenos e, principalmente, o último, foi um ano de intensa formação espiritual e salesiana". A 8 de dezembro de 1941, ano centenário da obra salesiana, recebeu a ordenação sacerdotal na Catedral provisória de Santa Efigênia, pela imposição das mãos do Exmo. Sr. Dom José Gaspar de Affonseca e Silva.

Seu primeiro campo de ministério sacerdotal foi a recente obra fundada na nova capital de Goiás: o Ateneu Dom Bosco, como encarregado da disciplina, além de assistência religiosa a uma comunidade de irmãs. Aos domingos atendia ao oratório no bairro periférico da cidade: o de Vila Nova. Pedalando sua bicicleta, carregada de bolas, ia à parte oposta da cidade, onde uma multidão de moleques aguardava a chegada do sacerdote para iniciar os jogos que precediam à instrução religiosa e à função litúrgica, ao ar livre como fizera Dom Bosco no início de sua obra. Pe. Reyneri ao visitar este oratório, exclamou comovido: "este sim que é oratório cem por cento" e Pe. Carletti costumava repetir que o futuro do Ateneu dependia daquele oratório.

Em 1943, é nomeado diretor do mesmo Ateneu Dom Bosco, ficando à frente do colégio por cinco anos (1943-1947). Numa crônica do colégio lemos: "época difícilíssima a da administração do Pe. Osvaldo, seja por ser época de guerra (a 2.^a guerra mundial)", seja por ser o diretor estrangeiro. Apesar disso, o colégio cresceu e o trabalho foi abençoado. As poucas dezenas dos primórdios eram, um lustro mais tarde, já centenas". O colégio era benquisto pela população e pelas autoridades e os resultados eram visíveis, pois os alunos obtinham os primeiros lugares nos concursos em que participavam.

Em 1948, é transferido para a direção do Ginásio Anchieta de

Silvânia, onde o grupo principal era constituído pelo internato, aberto a estudantes e alunos da escola agrícola anexa. Cheio de entusiasmo e de energias, extendia sua atividade à igreja paroquial da cidade e à assistência ao colégio das irmãs, sito nas imediações, e nos meses de férias extendia seu apostolado aos centros e fazendas da região.

Em 1949, o colégio passou à Inspeção de São João Bosco, continuando na direção do mesmo até o fim do ano.

De 1950 a 1954, Pe. Osvaldo é transferido, sucessivamente, aos colégios de Cachoeira do Campo, Barbacena e Araxá, na qualidade de confessor, prestando-se outrossim a outras atividades do ministério sacerdotal, bem como cuidando dos centros de cooperadores. Em Araxá, onde sua demora foi maior, além do atendimento às confissões no colégio e na paróquia, estendeu sua atividade a cidades circunvizinhas. Assumiu a assistência ao grupo de cooperadores da região, promovendo entre eles os "Círculos de Salesianidade". Eram "grupos relativamente homogêneos, com normas muito práticas de vida interior e de apostolado nos mais diversos setores, sobretudo da boa imprensa". Quando se transferiu para Araçatuba estes Círculos passaram a se denominar "ASAS do Brasil", ou seja: "Arautos Solidários da Ação Social do Brasil".

Em março de 1954, retorna a Mato Grosso para assumir a direção da catedral "Senhor Bom Jesus" de Cuiabá, confiada aos salesianos desde 1924. Por oito anos (1954-1962) entrega-se de corpo e alma ao atendimento da paróquia, colaborando ainda na Cúria Metropolitana e na redação do órgão diocesano "A CRUZ", empenhando-se em difundir-lo em todas as famílias cuiabanas. Escreve um irmão, que frequentemente prestava sua colaboração: "Pe. Venturuzzo, como vigário, foi de um apostolado maravilhoso, teve muita catequese, muitas associações e bom espírito". Os meses de maio, junho, outubro, bem como as primeiras sextas-feiras eram momentos fortes na promoção das devoções à Nossa Senhora e ao Sagrado Coração de Jesus. As associações das Filhas de Maria, dos Marianos, do Apostolado da Oração, dos Vicentinos mereciam-lhe cuidados particulares, especialmente a das Filhas de Maria, onde encontrava valiosas colaboradoras na obra da catequese, seja nas escolas públicas, seja no oratório. Foi nesta atenção à catequese que descobria meninos vocacionados, que enviava ao seminário ou ao nosso aspirantado de Coxipó da Ponte. Um destes meninos é o atual inspetor salesiano de Campo Grande, Pe. João Bosco Maciel, por ele encaminhado à casa de formação. Era também generoso em socorrer com suas ofertas o nosso aspirantado. Escreve o salesiano acima citado: "Misteriosa e admirável era a facilidade com que manejava o dinheiro, com a máxima calma e esperteza", nem sempre porém, com a devida transparência. Isto motivou, em 1962, a sua transferência para Campo Grande e depois para Araçatuba. Em 1964, retorna a Campo Grande, Colégio Dom Bosco. Em 1965, é novamente transferido para Araçatuba, confessor da comunidade.

Cheio de energias e com muitos projetos, nem sempre todos bem direcionados, sentia a necessidade de multiplicar suas atividades. Isto o levou a promover, como já fizera em Araxá, grupos de senhoras e homens, sob o nome de "ASAS Brasil", que dirigia espiritualmente, sendo muito procurado para as confissões, e empenhava na difusão de livros, revistas e folhetos, que sua férvida imaginação produzia cons-

tantemente. Apesar das muitas críticas e ordens em contrário, ele, firmando-se nas Constituições que indicam como finalidade da Congregação "a difusão de bons livros", tinha a convicção de estar cumprindo a vontade de Deus, endereçando tudo para sua maior glória. Distribuía seus livros e jornais a quem queria e a quem não queria, recebendo muitas vezes cartas elogiosas de bispos e cardeais, inclusive da Santa Sé, que o confirmava sempre mais em seu propósito, não obstante ordens contrárias de superiores.

Pe. Osvaldo foi uma personalidade muito controvertida por seu modo de agir e sobretudo por sua obstinação na arte de escrever, suportando tudo com fortaleza e serenidade. Um irmão, que conviveu com ele por cinco anos, dá este testemunho: "Não me interessam os defeitos, que ele devia certamente ter, nem julgo aquilo que fez: isto cabe a Deus. Quando ouvia falar daquilo que fez em Cuiabá, sempre achei graça. Quando cheguei em Alto Araguaia, onde ele viveu os últimos dez anos, conheci Pe. Osvaldo em sua intimidade. Conhecia-o pela fama, pelos livros, pelos retiros espirituais. Podia ser talvez mais flexível e menos rígido, porém me deu a impressão de um que era padre em todo instante de sua vida. Ele era padre em cada momento: padre cheio de zelo.

Lembro-me dele, com os sapatos velhos, com o barrete na cabeça, com a pasta debaixo do braço, com a batina meio gasta e às vezes, menos limpa, arrastando-se pelas ruas da cidade para organizar associações, visitar famílias, ou fazer propaganda de revistas e jornais católicos, dizendo sempre uma palavra de fé para quem encontrava. A cidade de Alto Araguaia tem vários bairros. Um deles chama-se do Aeroporto: fica no alto de um morro, bastante longe do centro. Ficava impressionado quando, aos sábados, indo para rezar missa, encontrava Pe. Osvaldo procurando reunir o pessoal, especialmente a garotada, chamando e batendo um sininho.

O zelo de Pe. Osvaldo se manifestava jamais recusando qualquer celebração que outros não pudessem fazer. Quantas vezes, aos domingos, retornando atrasado das capelas, devido às estradas, encontrava a comunidade em andamento e Pe. Osvaldo celebrando, apesar de um dia cheio de atividades.

Zelo que se manifestava nas confissões. Nos cinco anos, nos quais convivi com ele, nunca tive problemas de confissões na paróquia. Fizesse sol ou chuva, vento ou tempestade, lá estava Pe. Osvaldo no confessionário, com seu breviário velho, esperando os penitentes. Quando ninguém se apresentava, ele dava uma volta pela igreja, como para lembrar que o confessionário estava aberto; chegava até mesmo a convidar pessoas e levá-las ao confessionário.

As madrugadas de Alto Araguaia, no período pascal, eram úmidas e frias. Assim mesmo, quando eu chegava para as procissões da Penitência, já encontrava Pe. Osvaldo organizando a procissão, rezando e fazendo rezar.

O zelo apostólico do Pe. Osvaldo se manifestava ainda na boa imprensa. Deixo o julgamento a Deus sobre o modo de agir dele, mesmo sentindo que não aceitasse ser ajudado na redação e na correção dos textos. Tinha certeza de ter recebido de Deus este dom e que devia pôr a serviço do povo de Deus. Inúteis brincadeiras, observações ou crí-

ticas: ele calava e continuava sua missão. Para nós, seus livros não tinham valor e eram até ridículos, mas para o povo transmitiam sempre uma mensagem de Deus.

Manifestava ainda seu zelo com a presença constante nos pártios, aproximando ora um ora outro dos jovens para dar um conselho, dizer uma boa palavra, fazer um convite para a Missa ou para a Confissão.

Achei Pe. Osvaldo sempre muito pobre. Poderia parecer até mesquinharria na roupa, nos sapatos, na vida, mas mesmo na gerência da conta de ASAS Brasil, nunca usou algo para si. Uma vez manifestou o desejo de ter uma dentadura nova porque lhe era difícil comer. Mas não renovou o pedido nem disse palavra. O mesmo uso de papéis velhos para escrever manifestava, para mim, uma vontade de ser pobre, à imitação dos antigos salesianos.

Outra virtude que muito me impressionou foi a de nunca ter ouvido de Pe. Osvaldo, nos cinco anos passados juntos, falar mal de alguma pessoa, de algum salesiano, de algum superior, nem mesmo guardar, não digo rancor, mas nem mágoa de alguém. Podia-se discutir, xingar, brigar com ele. Pe. Osvaldo ou desviava o assunto ou calava, recomeçando pouco depois como se nada tivesse acontecido. Uma só vez o vi ofendido por uma palavra e respondeu, mas imediatamente esqueceu, continuando como se nada tivesse acontecido.

Acredito já esteja no céu para se alegrar para sempre na glória de Deus, como se alegrava por tudo aquilo que fizesse progredir a glória de Deus. Teve o ideal de servir à Igreja e a Deus e jamais se desviou do caminho, não obstante todas as dificuldades e todos os obstáculos”.

Outro salesiano atesta: “Admirei nele o espírito de sacrifício em saber sofrer tudo sem jamais se queixar dos superiores nem dos colegas. Isto prova o espírito de sacrifício, de humildade e muita virtude. Admirei nele intensa vida em Deus e muito espírito salesiano. Foi um grande homem, que somente Deus compreendeu”.

Esta salesianidade foi realmente um dos seus distintivos: alegrava-se com as glórias da Congregação e da Inspetoria, que amou e procurou fazer amar; e sofria com suas penas ou deserções de irmãos.

Os irmãos da Inspetoria são concordes em que podemos referir a ele as palavras de Tiago: “Se alguém não ofende no falar, este é homem perfeito” (Tg. 3,2). Contudo sabendo que nem sempre os nossos pensamentos são os pensamentos de Deus, recomendo este nosso Irmão às orações de todos, bem como esta Inspetoria e quem se subscreve

irmão em Dom Bosco,

Pe. José Corazza
Secretário Inspetorial

Dados para o Necrológio:

Pe. OSVALDO VENTURUZZO, * aos 31.08.1908 em Nogara (Verona - Itália)

+ aos 14.09.1990 em Guiratinga, Mato Grosso, Brasil

aos 82 anos de idade, 58 de vida religiosa e 49 de sacerdócio.